

APRESENTAÇÃO

Antônio Arruda

No Panteon da História é o belo título que Luis-Philippe Pereira Leite deu a este volume em que publicou os discursos pronunciados na sua posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 23 de abril de 1986, quando ingressou no seletto grupo de nossos historiadores. Saudou-o nessa ocasião o Acadêmico Cláudio Moreira Bento, que, ao traçar-lhe um perfeito e magnífico perfil, colocou-o com justiça entre as culminâncias que atuam nas diversas regiões do País.

A escolha que a nossa maior instituição histórica proporcionou a Luis-Philippe constitui o reconhecimento de seus esforços em termos de pesquisas e de histórias. Em maio do corrente ano, foi reeleito Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso para o oitavo biênio consecutivo. Assim, já cumpriu 14 anos de exercício, o que representa um dos mais longos mandatos na Instituição.

Nessa presidência, uma de suas mais destacadas realizações foi restabelecer a publicação da Revista do Instituto, interrompida desde 1954, passando a editar à sua custa um volume anualmente. Com essa iniciativa, que perpetua o registro dos fatos mais significativos de nossa época, o Instituto marca sua presença no cenário cultural brasileiro.

Entre os trabalhos dados a lume por Luis-Philippe, citarei o que ele chamou de triologia cacerense: O Engenho da Estrada Real, Vila Bela de Meus Maiores e O Médico da Jacobina, e a seguir Marinheiro da Selva (João Batista das Neves), O Bispo do Império (D. Carlos Luiz d'Amour), Vilas e Fronteiras Coloniais, este merecedor do prêmio nacional de História Regional da Academia Paulista de História.

Os dois últimos livros publicados por Luis-Philippe também representam notável contribuição à cultura nacional. O primeiro é Vida e Glória de um Cientista Cuiabano, com 350 páginas e ilustrações, biografia do seu irmão José Venâncio Pereira Leite, professor e pesquisador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, desde 1953, e fisiologista de grande renome. O outro livro é Três Sorocabanos no Arraial, também ilustrado, com mais de 500 páginas e dividido em três partes: O Guarda-Mor, dedicado ao Bandeirante Pascoal Moreira Cabral, o fundador do Arraial de Forquilha, nas margens do rio Coxipó, núcleo do que seria a capital

matogrossense; O Lavrador-Mor, ou seja Miguel Sutil de Oliveira, em cujas terras foram descobertas as chamadas Lavras do Sutil, minas riquíssimas, no lugar onde hoje se ergue a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, nas margens do rio Cuiabá, para onde se transferiu a povoação de Forquilha; e o Orago-Mor sorocabano, que vem a ser o Senhor Bom Jesus de Cuiabá, padroeiro da cidade, cuja imagem, segundo a tradição, foi esculpida em Sorocaba e de lá trazida para a Catedral de Cuiabá, onde é venerada há quase 300 anos.

Nesses livros, elaborados com amor e extrema precisão, encontram-se aqui e ali fatos, tradições, costumes, todo um manancial de valores culturais característicos de Mato Grosso. O cuidado e a probidade que Luis-Philippe coloca em sua produção intelectual equiparam-se à lisura com que tem desempenhado os cargos e funções que lhe foram atribuídos em sua carreira pública, tais como Deputado Estadual, Procurador Fiscal do Estado, Procurador Regional Eleitoral, Procurador Geral da Justiça, membro do conselho seccional da Ordem dos Advogados do Brasil e atualmente como tabelião e oficial de registro de imóveis.

A esse respeito, cabe mencionar o método que empregava quando Procurador Geral da Justiça, na época em que exercia eu o cargo de Desembargador. Para que não se lhe argüisse demora na devolução do processo e também para evitar pedidos de parecer favorável, adotava um expediente que se me afigura tenha sido único em nossa vida forense. Acompanhando na Secretaria do Tribunal o movimento dos feitos, logo que ali chegava algum em que devia funcionar, examinava-o, tomava os apontamentos necessários, redigia depois o parecer e mandava datilografá-lo. Quando recebia os autos, devolvia-os imediatamente, juntando-lhe o respectivo parecer, após datá-lo e assiná-lo. Acontecia às vezes que o interessado o procurava ante a informação de que o processo estava em seu poder. "Já o devolvi", respondia-lhe Luis-Philippe. O outro então retornava à Secretaria já supondo tratar-se de molecagem, mas o secretário Thierry Huguency lhe explicava: - "Alguns momentos atrás, informei-lhe que o processo tinha sido encaminhado ao Procurador, porém acabo de recebê-lo de volta..."

Esses comentários acerca do escritor e do homem público ficariam incompletos se fosse omitido algo sobre Luis-Philippe como figura humana. No discurso com que o recebeu no Instituto Histórico, Cláudio Moreira Bento, referindo-se ao fato de ser Luis-Philippe privado da visão, citou o Desembargador João Antonio Neto ao afirmar que essa perda não o priva de irradiar de sua pessoa uma aura de calor vivificante e de silenciosa bravura. A propósito, contou-me

Luis-Philippe certa vez que perdera uma das vistas em 1945, proveniente de uma lesão cerebral. Prevendo que a outra podia ser também afetada, preparou-se psicologicamente para essa eventualidade, que ocorreu em 1953. Faz, portanto, quase 40 anos que ele vem arrostando essa deficiência e o faz com serenidade e galhardia. Adquirindo extraordinária memória pelo exercício contínuo, guarda fatos, datas natalícias, números de telefones que ele próprio disca, lugares nas prateleiras onde acondiciona as pastas com seus papéis, ao alcance das mãos. Auxílio de outrem apenas aceita quando sai de casa, bastando-lhe apoiar uma das mãos no ombro do acompanhante para seguir seus movimentos em que se incluem a subida e a descida de escadas. Se sofre, ninguém sabe porque nunca se queixa e recebe os amigos com a mesma cordialidade e constante alegria de outros tempos. Enfim, tanto no plano cultural como no existencial, Luis-Philippe oferece raro exemplo de longo e desinteressado cultivo das letras e de obstinado esforço para superar a adversidade que o atingiu em plena juventude.